

Entre o ficar e o partir: uma análise das trajetórias de jovens quilombolas da Chapada Diamantina-BA

Maria L.N. Militão¹, Ana C. L. Portela

1. Professora do Instituto Federal da Bahia, IFBA, Seabra/BA * malunm@gmail.com

2. Professora do Instituto Federal da Bahia, IFBA, Seabra/BA

4. Professor do Instituto Federal da Bahia, IFBA, Seabra/BA

Palavras Chave: juventude, quilombolas, rural, consumo.

Introdução

A proposta é apresentar alguns resultados de uma pesquisa, ainda em curso, que está sendo realizada junto aos jovens pertencentes às comunidades quilombolas da região da Chapada Diamantina/Bahia/Brasil. Existem diversas juventudes e os jovens pertencentes as camadas médias e altas da sociedade possuem diferenças significativas em relação aos jovens das classes populares. Os jovens pesquisados, além de pertencerem à população de baixa renda, negociam suas identidades com outras categorias que impactam na construção de suas identidades e em suas trajetórias pois, são negros, oriundos de comunidades quilombolas e vivem na zona rural.

Resultados e Discussão

Os projetos de vida e o *habitus* juvenil são afetados diretamente pela dinâmica de uma estrutura social, que é excludente e desigual do ponto de vista econômico e que, todavia carece de políticas públicas para que esse público específico vivenciem o ser jovem com uma identidade étnica. A metodologia empregada na pesquisa é de cunho etnográfico e busca apreender o ponto de vista dos pesquisados. Dessa forma, as conversas informais face a face e a observação participante foram fundamentais para apreendermos o que é ser jovem, negro e do campo. Os resultados apontam que tais jovens vivenciam um processo que oscila entre o ficar e o partir, entre o ser e o tornar-se. Os jovens pesquisados, quando concluem o ensino básico, se veem obrigados a migrarem para localidades, na zona urbana, que oferecem, segundo o imaginário do grupo, oportunidades de trabalho. A noção de trabalho dos mesmos está ligada às atividades que são exercidas no espaço urbano, mesmo que seja um trabalho precário. Significativo dessa noção, é o fato de que quando questionados sobre a atividade laboral de seus pais ou responsáveis, os mesmos afirmam que não trabalham. Assim, o trabalho na roça familiar de subsistência, que é praticamente a única opção de trabalho nas comunidades, não é visto como trabalho.

Conclusões

Dessa forma, as ideias de *ficar* e *ser* estão intimamente ligadas a reproduzirem a mesma vida de seus antepassados, excluídos e estigmatizados. Por outro lado, as ideias de partir e tornarem-se estão relacionadas a sentirem se incluídos nas imagens de sucesso produzidas pela sociedade de consumo. Assim, podem voltar a passeio, durante as festas das comunidades, como cidadãos que deram certo na vida. Esse dar certo na vida, aparece expresso na posse de bens de consumo tais como celulares e o acesso as redes sociais, no uso de roupas com estilos urbanos, no consumo musical de gêneros como o funk, e de elementos que os remetem a uma inclusão pela via da ostentação.

Agradecimentos

Agradecemos ao Instituto Federal da Bahia e as comunidades quilombolas de Seabra.